PÓS VERDADES PÓS CONTEMPORANEIDADE DA COMUNICAÇÃO FLUÍDA REPRIMIDA

Natalia Bianchi Filardo [1]

A proposta da autoetnografia de "servir à justiça social, como componente político que visa explorar e explicitar elementos da iniquidade em tempos e espaços sociais particulares", buscando "alcançar dimensões maiores que a de um método científico, propondo, por meio do engajamento e reflexividade, que cada autor viva e escreva sobre a vida de forma honesta, complexa e apaixonada[2]" é essencial para o Bem Viver, porém pensar, refletir e ser honesto é ameaçador, pois a verdade pode matar ou ser morta.

Vivemos numa sociedade hipócrita, onde há distância entre o que se vive e o que se fala.

Onde só se fala e não escuta, nem se escuta.

Existem pessoas que acreditam que a Terra não é nossa mãe, e daí muda tudo. A perspectiva que temos e construímos do mundo, é o instrumento que podemos utilizar para a mudança que queremos no e para o mundo.

Acredito no Bem Viver. Participo e promovo o Bem Viver: fruto das trocas, baseia-se nos cuidados com a Natureza e Humanidade, cada um com sua especificidade. E, compreendo que as sociedades indígenas, tem um acúmulo de conhecimentos ancestrais que são as "expressões mais próximas do espirito humano em estado puro" (Strauss, L.,)[3] e que estão em consonância com o sagrado.

A minha perspectiva de mundo ela foi influenciada por migrantes que conquistaram "seu pedaço de terra'', acredito que não se refletia sobre a Terra Mãe. Pois se migrava do berço natal para terras longínquas, onde as "aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá". Foram eles, italianos pela parte de mãe e alemães, pela parte de pai, ambos são frutos da terceira geração nascidos no Brasil. Que se estabeleceram no estado Rio Grande do Sul na Serra Gaúcha, e em São Paulo, respectivamente.

Nascida em Mogi das Cruzes, mudei para Niquelândia, onde meu pai trabalhou na CODEMIM, me lembro bem de como era a extração mineral do Níquel e as lendas que eram contadas para nós crianças e as conversas que na época não faziam sentido, mas entendo que deveria ter muito ouro também.

Lembro também das imensas montanhas de rejeito, chamado de "escoria" verde, uma "pedrinha "granulada leve. Também recordo das carvoarias entre a usina à 60 km da

[1] Possui graduação em Engenharia Florestal pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007), mestrado em Geografia (2013). Atualmente faz parte da coordenação regional do Conselho Indigenista Missionário do estado do Mato Grosso, Brasil.

[2] Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000601339>. Acesso em: 22/10/2019.

[3] Levi Strauss, Cru e o Cozido, pag x.

escola, e dos milhares de hectares de Eucalipto plantado, em contraste com o lindo Cerrado, que viraram carvão, para derreter o minério e obter níquel.

A maior parte da área, perto da Usina, que me recordo, foi alagada para a formação da represa da Serra da Mesa: um desastre ambiental, mas a diversão garantida de alguns privilegiados.

Retornamos à Mogi e, em 2002, vou estudar na UNESP de Botucatu, para o curso de engenharia florestal. Em 2005, nosso grupo estudantil da Engenharia Florestal, assume a coordenação regional, e depois Nacional da entidade, que tinha muitos centros acadêmicos associados e atuantes.

Tranquei a faculdade e fui mobilizar os estudantes sobre questões pertinentes ao curso, conhecer técnicas agroecológicas e permaculturais em diversos estados e cidades, passei por todo o Brasil, durante o ano de 2005, estando na coordenação da ABEEF. Em 2006, organizamos um congresso para 500 pessoas na federal de Curitiba.

Me desperto para diversas realidades, disputas.

Decidi em algum momento não vender a força de trabalho para a iniciativa privada e trabalhar com os movimentos sociais e para o Estado democrático de direito.

Para o futuro, focar em ser uma produtora rural, "neo-rural"[4], pagando por um pedaço de terra, e tentando descontruir as relações capitalistas inerentes ao nosso modo de ser e estar no mundo.

Entendo que a Terra é modo de produção essencial para a vida, motivo da cobiça, gerando muitos conflitos injustos no campo.

Formada, comecei atuando em ONG, Incra, Ministério da Pesca: parques aquícolas, Territórios da Pesca, fiz mestrado em geografia, atuei como permacultora e hoje sou missionária indigenista do Conselho Indigenista Missionário, CIMI. Uma entidade que acredita no Bem Viver[5] entre os povos.

Cá estou eu, casada, marido, dois filhos, um casal, perfeito! Mas...

Triste com a ganância intrínseca ao ser humano.

Triste com as veias abertas da America Látina[6], triste com a reprodução feroz do capital nas nações indígenas que temos o privilégio de conviver, vivenciar.

No trabalho missionário tento compreender, fortalecer e replicar as relações, laços que constroem o Bem Viver, relações que neste sistema tendem a serem coisificadas, a partir do momento que forem monetizadas, como o pagamento por "serviços ambientais".

Meu foco é atuar junto às comunidades nos diagnósticos de roçados, quantificação, beneficiamento e armazenamento de sementes, registrando sempre. Incentivo uma escola técnica em agroecologia na comunidade Myky.

[4] Maria José Carneiro, "Rural como categoria de Pensamento".
[5] Alberto Costa. O Bem Viver.
[6] Fazendo alusão ao livro, Eduardo Galeano.

Motivo trocas de sementes entre os povos, muitos intercâmbios. E levo a informação dos fatos que forem demandados e do congresso com relação a constituição.

Morei cinco anos numa comunidade no noroeste do Mato Grosso, Aldeia Japuíra, do Povo Myky. Dei aula para o ensino médio e agora para o técnico em agroecologia.

Faço parte e incentivo um grupo de estudantes indígenas Myky que estudam agriculturas diversas, buscando conhecimentos diversos, propondo e orientando tempos de experiências, com o desafio das relações comerciais, junto a escola técnica.

Apoio um grupo de mulheres Myky, que vendem massa de biju, na capital.

O Povo Myky foi contactado em 1970, trabalhavam com machado de pedra, foi feito um contato pacífico, pelos jesuítas, Tomaz Aquino Lisboa, falecido este ano e que morava na aldeia desde o contato. Ele largou a batina e casou-se com uma indígena.

O povo é agricultor, tem muita diversidade de espécies de feijão, milho, carás, batatas, mandiocas, amendoim, entre outras, comiam insetos, são caçadores, coletores e pescadores.

Uma comunidade de 140 pessoas, a energia elétrica chegou a 5 anos, falam a língua materna, são de um tronco isolado.

Eu fico observando a conexão do passado com o futuro, da Pré-história a Idade Contemporânea, em 40 anos. É fantástico a adaptação.

Ainda existe soberania alimentar no Povo Myky?

Com certeza existiu, na plenitude da concepção do termo de Soberania, pois são sobreviventes, resistentes, um povo puro na sua essência.

Constatamos uma alta variedade de sementes agriculturáveis entre os povos vizinhos, e entre si uma grande diversidade, apesar das proximidades dos territórios atuais.

Essas sementes, estes plantio e conhecimentos estão fadadas a extinção, devido ao modelo adotado de desenvolvimento agrícola voltado para as commodities, ou seja, a reprodução do capital nos territórios.

Então, estou interessada em escrever sobre o tema pois a soberania alimentar dos povos é essencial para a sobrevivência no planeta e conhecer e trocar com outras formas de organização social é fundamental para o Bem Viver.